

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná

Gilson Backes
Mestre em História – UNIOESTE/PR
Prefeitura Municipal de Mercedes - PR

RESUMO: Identificar as diferentes maneiras que trabalhadores circunscrevem em suas dinâmicas de trabalho, oportuniza uma maior compreensão do sentido da migração. Este, justificado aqui pela identificação da diferença que se institui na construção de identidades pelos modos de narrar o espaço social de pertença numa fronteira.

PALAVRAS-CHAVE: memórias, trabalhadores, Oeste do Paraná.

ABSTRACT: To identify the different ways the workers give to their job practices, provide us a better comprehension about the migration meaning. This one justified in this article by the identification of the difference instituted on the identities built process by the ways of narration the social space belongs to one frontier.

KEY-WORDS: memory, workers, West of Paraná.

A presença de trabalhadores de diferentes frentes de ocupação colocou-nos a pensar historicamente a região do Extremo-Oeste do Paraná, nesta fronteira com o Paraguai, às margens do lago de Itaipu¹. A abordagem que aqui desenvolvemos é de investigar as dinâmicas sociopopulacionais desencadeadas nas décadas de 1960 e 1970, demarcando um diferente olhar aos modos como distintos sujeitos procuraram demarcar o seu espaço de pertença. Sobre aquele período, observamos que a região sofreu um constante processo de migração de trabalhadores. Por um lado, temos observado aqueles que chegaram num processo de colonização planejada, com a compra de terras e, por

¹ O presente trabalho sintetiza parte das discussões realizadas na pesquisa de mestrado defendida em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, orientada pelo Prof. Dr. Robson Laverdi.

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

outro, os trabalhadores que viram o Extremo-Oeste do Paraná enquanto uma possibilidade de trabalho, sobretudo numa área recente de desbravagem onde foram desenvolvidas as lavouras de hortelã².

O período do chamado desenvolvimento produtivo das lavouras de hortelã nesta região entre o extremo do Oeste do Paraná e o Paraguai não se processualizou pacificamente, sem estranhamentos e/ou conflitos. O chão social desta fronteira foi demarcado pela migração, especialmente quando uma subalternizada oportunidade de trabalho atraiu sujeitos trabalhadores de diferentes regiões do Brasil, fazendo com que *modos de vida* desiguais conflitassem de muitas maneiras (KHOURY, 2006: 22).

Tendo como veio metodológico a História Oral, observamos que cada sujeito, em suas experiências narradas, é portador de uma bagagem cultural diferenciada que, na migração, passou a interagir com outros modos de vida. São estes modos de vida que nos auxiliaram na compreensão das marcas que estes sujeitos passaram a imprimir com suas trajetórias, em especial, sobre o espaço social ao longo do processo histórico vivido. Quando falamos de *bagagem cultural* tomamos como referência as reflexões de Robson Laverdi, ao tratar dos trabalhadores que, em algum momento de suas trajetórias, fixaram-se em algum lugar. Embora se fixando, Laverdi tem destacado que: “*suas vidas nunca estiveram deslocadas das experiências da migração e das bagagens culturais trazidas de outros lugares, tanto quanto das vivências de maior tempo nessa região de fronteira*” (LAVERDI, 2005: 72).

No decorrer do desenvolvimento desta problemática, observamos que há um grupo que se colocou estabelecido no lugar desde o início da ocupação desse espaço. Estamos falando daqueles migrantes chegados no início da década de 1950. Os quais, provenientes ou “expulsos” de regiões agrícolas, principalmente do Oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, foram os primeiros compradores de terras da região sob os auspícios e atuação da companhia colonizadora Maripá, que se “*empenhou em organizar o referido espaço [área denominada de Fazenda Britânia] e nele atuar para efetuar a ocupação*” (GREGORY, 2002: 109).

Nesta região do Oeste do Paraná estes migrantes, grosso modo, pequenos proprietários rurais, a partir de um sistema planejado, efetuaram a ocupação de propriedades destinadas à produção familiar. No Sul, estes trabalhadores/migrantes já

² A produção de hortelã ocorreu em torno de uma década na região Oeste do Paraná, tendo como prioridade as terras recém desmatadas. Esse tipo de atividade era feita nas coivaras, entre troncos e galhos de árvores. A extração do óleo era feita via destilação das plantas em alambiques, o qual era comercializado, inclusive ao exterior. Todas as etapas exigiam considerável força de trabalho.

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

trabalhavam em atividades agrícolas que envolviam o sistema de trabalho familiar, em especial com a produção destinada ao mercado local. É preciso destacar que neste período, de ocupação planejada, o Oeste do Paraná já passara por uma intensa atividade extrativista de exploração dos recursos naturais, a madeira e a erva-mate, por companhias estrangeiras que exploravam as terras à margem esquerda do rio Paraná (LAVERDI, 2005: 28). Estes recursos, através de ações exploratórias, eram destinados e escoados “*via Rio Paraná e Estuário do Prata para os mercados argentino (Corrietes, Entre Rios, Posadas) e inglês*” (GREGORY, 2002: 89).

Com o processo de ocupação dos migrantes sulinos, criou-se uma identificação do espaço como próprio de uma cultura alemã, uma vez que os migrantes proprietários eram os chamados de “origem”. Enquanto que, neste período de ocupação, 1950, e mais fortemente nas décadas de 1960 e 1970, período de produção hortelaneira, trabalhadores de diferentes regiões, muitos dos quais afro-descendentes, também haviam migrado para a região, pois viam ali uma possibilidade de encontrar trabalho.

Neste viés, parte da literatura memorialística omite a presença de nortistas, caboclos, paraguaios ou mesmo de migrantes sulistas que não obtiveram destaque no projeto colonizatório da região. A esses sujeitos atribuiu-se o papel de meros coadjuvantes no processo de ocupação do Oeste do Paraná e suas experiências e/ou memórias são silenciadas. Sobretudo, quando se tem propostas de germanização, como é o caso de Marechal Cândido Rondon, onde se procurou oficializar uma identidade germânica, na qual se envolveu questões étnicas, de classes, de gênero, entre outras.

Falar de uma literatura memorialística ou de uma memória oficial requer pensá-la enquanto produto de um grupo hegemônico que se apropria ou se apropriou de uma memória, reformulando e homogeneizando um amplo conjunto de sujeitos em suas trajetórias sociais e específicas. Assim, empregamos nesta discussão também o termo “história oficial”, o qual é entendido como a história produzida com base em documentos de instituições públicas e privadas que, por sua natureza, não envolvem determinados aspectos de convívio social, como, no caso, a presença de determinados trabalhadores. A essa memória ou memórias cumpre observar de acordo com Gonzalez em suas análises sobre a cidade de Marechal Cândido Rondon:

A História oficial que alicerçou nutriu-se de memórias cuidadosamente selecionadas de (e para) alguns sujeitos sociais hegemônicos da cidade. Essa memória é, portanto, o produto final de um processo político de afirmação de *lugares sociais*. A construção da memória é também um processo de disputa

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

política. Isso porque ao fixar sua visão de mundo como a única, *oficial*, seus elaboradores buscaram sobretudo estabelecer lugares sociais nessa disputa pela hegemonia da cidade, dividindo a sociedade entre aqueles que teriam o direito de narrar, a sua maneira e a partir de seus valores, o processo histórico, naturalizando e perpetuando a divisão social de *classes* ali existente. Em contrapartida, estabelecia também quem deveria se esquecer, ignorado, em suma silenciado (GONZALES, 2004: 189).

Selecionar quem tem o direito a memória pareceu constituir-se numa forma de um grupo se sobrepor as demais memórias presentes. Ignorar, esquecer, silenciar, são também formas de diferenciação e representação dos grupos, principalmente quando disputas políticas estão postas atribuindo a cada sujeito o seu lugar específico na sociedade. O campo das representações artísticas, arquitetônicas, política, memorialística e folclórica, principalmente de caráter germânico, caracterizam-se como conflitivas por negar as outras memórias. Um terreno de divergências culturais se colocou para idealizar os feitos de um grupo hegemônico.

Ruy Wachowicz, ao ponderar sobre os trabalhadores selecionados a fazer parte dos projetos da Maripá, destacou a ocultação de outros grupos, principalmente quando aplicados objetivos estratégicos e específicos de exclusão, ocorrendo, desse modo, o reforço de uma ideologia racial. Nas palavras de Wachowicz:

A ideologia etno-racial predominante entre os diretores da Maripá deve ter sido a *sulista*, com forte conotação ao *bairrismo* gaúcho. Da colonização das terras da antiga Fazenda Britânia, foram excluídos três tipos de elementos humanos: 1 - o colono, também descendente de europeus, que avançavam em direção ao oeste pela linha sul paranaense. Em sua grande parte, era formado de descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos; 2 - o caboclo paranaense, filho tradicional dos sertões brasileiros, que também encontrava-se na região em número nada desprezível; 3 - o pêlo duro, nortista, que representava a frente cafeeira, que estava ocupando todo o norte do Paraná (WACHOWICZ, 1982: 174).

De acordo com o autor, a presença de elementos “indesejados” acarretou num flanco de exclusão dos mesmos como pertencentes ao quadro da memória social. Os trabalhadores “aventureiros”, que não se enquadravam no planejamento de seleção imposto pelos líderes da colonizadora, eram, grosso modo, excluídos do processo de ocupação. Contudo, àqueles cujas presenças não foram passíveis de serem barradas, ou que foram recrutados como mão-de-obra, serviram para trabalhar e ajudar no “desbravamento” da região como na extração da madeira, abertura de estradas, enfim, nos trabalhos mais pesados. A partir destas considerações se entende que parte da literatura produzida sobre o

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

Oeste do Paraná, atribui a perspectiva colonizatória a partir da atuação da colonizadora Maripá. Uma visão que deixa clara que o espaço foi projetado para o estabelecimento dos migrantes “ideais”, aqueles que tinham conhecimentos sobre o cultivo da terra.

Analisando parte desta literatura produzida sobre a região e, principalmente, aquela produzida no meio acadêmico em que aborda uma realidade social dada na defesa de um único modelo, Robson Laverdi destacou:

É consensual nos estudos sobre ocupação da região a importância dada à MARIPÁ, empresa privada, proveniente do Rio Grande do Sul, à qual foi atribuída a responsabilidade da organização, planejamento e execução do projeto de colonização do Oeste do Paraná. Tal atribuição muitas vezes é abordada sob a forma do grande consenso firmado entre os atores envolvidos, a começar pelo conjunto mais amplo de políticas de nacionalização das fronteiras brasileiras, via o Estado Novo, na Marcha para o Oeste (LAVERDI, 2005: 36).

A crítica do autor se faz pelo uso constante de fontes oficiais em alguns estudos para abordar o processo de ocupação da região. Segundo Laverdi, estes trabalhos atuam em defesa de um modelo, de uma memória única fundada em torno da colonização. Modelando um sentido de dominação em seus lugares privilegiados, por um lado, e por outro, memórias “*cerzidas*” lutam, relembram e sobrevivem na história social; elas cintilam no horizonte uma paisagem social negada (LAVERDI, 2005: 35).

Importa considerar, por sua vez, uma imagem múltipla da ocupação deste espaço, como temos percebido, não se concretizou somente com os migrantes sulinos (chegados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina), os quais reivindicam para si a memória da sociedade local. As memórias produzidas sobre o espaço em estudo podem ser entendidas dentro de um campo de disputas de representações, sobretudo quando buscam a imposição de alguns elementos culturais como hegemônicos: a língua, vestimentas, arquitetura, festas entre outros. De acordo com Giralda Seyferth, ao falar da ocupação de descendentes europeus em Santa Catarina, as casas enxaimel é uma marca na ocupação alemã em certas regiões. Essas casas ainda são encontradas “*no vale do Itajaí, em Joinville, ou em outras regiões povoadas com colonos alemães*” (SEYFERTH, 1990: 45).

Perceber a realidade circunscrita através de traços culturais delineia a mobilidade social desencadeada nos primeiros anos de ocupação do espaço do Extremo-Oeste do Paraná, bem como ao período produtivo da hortelã. A noção de representações sobre a região, por sua vez, pode ser pensada a partir da forma como os sujeitos narram, ressignificam e identificam os lugares que ocupam neste meio social.

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

As experiências dos sujeitos, os quais nos auxiliaram com suas trajetórias para a composição deste trabalho, mostraram outras dimensões do real que ainda, muito, permanecem na invisibilidade ou sobre as mesmas se tem pouco estudo. A perspectiva histórica, neste sentido, nos apresenta um campo de possibilidades. Ela não tem um sentido único e nem é homogênea. Mas é carregada de significados próprios como observado nas falas dos entrevistados. Nesta arte de representar e observar a história enquanto um processo, Maria do Pilar Vieira adverte sobre o trabalho do historiador:

Dessa forma, fazer história com o conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender porque o processo tomou um dado rumo e não outro; significa *resgatar* as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras (VIEIRA, 1989: 11).

Nessa assertiva, ao trabalharmos com a História Oral e ao analisarmos as narrativas, percebemos que elas direcionam a outras interpretações sobre a participação de grupos distintos nesta região do Oeste do Paraná. Cada sujeito representou a seu modo suas vivências na região. As memórias, assim, não nos levaram a direção única, mas apresentaram múltiplas interpretações do social. Cada sujeito compartilhou uma memória específica a partir das representações de *códigos, padrões, valores e identidade*, num campo de luta e principalmente em oposição a uma memória homogeneizadora. Levando em consideração as diferentes memórias foi preciso pensá-la, no entanto, no campo de produção da “*experiência social vivida, numa relação presente-passado-presente*” (KHOURY, 2006: 38).

Considerando diferentes temporalidades e pensando na população que compunha esta região, bem como os conflitos que muitas vezes se engendraram devido a certas diferenças culturais, o relato de Dona Gladis Elfi Mohr apresenta algumas das características dos trabalhadores presentes na região. Ela, que nasceu na Vila de Mercedes na década de 1950,³ de ascendência alemã, vivenciou o processo de transformação daquele espaço e através de suas lembranças buscou interpretá-lo focalizando as diferenças entre os trabalhadores:

Eles sempre falavam mais o que a gente, eu ouvia era de *nortistas né, nortistas*. Mas nem eu na época não sabia o que era *nortista*. Mas eu creio que deve ser do

³ O atual município de Mercedes localizado entre os municípios de Marechal Cândido Rondon e Guaíra passou a ser colonizado a partir da década de 1950 e conta, atualmente, com uma população de 4.902 habitantes.

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

Norte do Paraná. Porque eles vieram... Porque do Sul era tudo alemão ou italiano que moravam aqui, então só pode ter sido de lá, Campo Mourão talvez, que lá já morava gente mais... (MOHR, 2007).

Instigando o passado, a narrativa procurou encontrar uma resposta na definição dos trabalhadores: *eles sempre falavam mais o que a gente, eu ouvia era de nortistas*. Num campo social com outros, “eles”, a memória representou os trabalhadores auferindo aos mesmos a denominação de *nortistas*⁴. Embora sem conseguir definir quem eram aqueles trabalhadores, Dona Gladis dialogou com “eles”, com os seus, que viram aqueles sujeitos como “nortistas”. Na incerteza de dar uma definição à origem daqueles trabalhadores ela fez uma relação com os demais trabalhadores que estavam presentes: “*eu creio que deve ser do Norte do Paraná... Porque do Sul era tudo alemão ou italiano que moravam aqui*”. Um relato que por ela não foi finalizado. Uma frase incompleta: “*então só pode ter sido de lá, Campo Mourão talvez, que lá já morava gente mais...*” Uma frase vaga, que talvez sua memória não encontrou a palavra correta para poder expressar naquele momento sua interpretação sobre o passado. “Gente mais...”. Qual seria o significado que ela procurou expressar? Em nossas interpretações do campo social que ela relatou poderia ser “gente mais” *morena* ou de *pele mais escura*, numa diferenciação com os de origem alemã ou italiana.

Gente do Sul e gente do Norte. A memória assim pode ser entendida numa ligação com o passado vivido, numa disputa com a própria interpretação de auto-esclarecimento e definição dos sujeitos daquele espaço social. A memória, de acordo com Pierre Nora, “*se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções*” (NORA, 1993: 09). Alemães, italianos ou os nortistas. Uma memória com efeito revelador e, ao mesmo tempo, que reordenou sentidos de pertencimento a uma identidade que esta posta na definição dos *outros*. Uma identidade na qual nem sempre os sujeitos se reconhecem. E, em oposição aquele que narrou elabora a sua própria identidade. Dona Gladis falou dos outros sujeitos presentes no meio social, eram aqueles que vieram para as atividades nas lavouras de hortelã e que lhe causaram estranhamentos.

⁴ A expressão *nortista* também foi reproduzida pela literatura produzida sobre o Oeste do Paraná ao mencionar as memórias sobre o período da hortelã. Segundo Valdir Gregory et al., “muitos eram os chamados nortistas, que se juntaram aos colonos do sul na época do cultivo da hortelã”. GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Antonio Marcos. *Mercedes: uma história de encontros*. Marechal Cândido Rondon, Germânica, 2004, p. 76.

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

Na abordagem da presença de *outros*, Robson Laverdi, ao fazer um estudo sobre a constituição do universo urbano de Marechal Cândido Rondon, buscou denotar os *outros* sujeitos sociais presentes na sociedade local. Analisando uma literatura acadêmica, Laverdi observou uma pequena minoria de “outros” na composição social. O autor priorizou em seu estudo, a partir das trajetórias e itinerâncias, histórias orais e de vida de depoentes nordestinos e negros pelo fato de serem considerados enquanto uma minoria e aludido como sendo os “outros” presentes em Marechal Cândido Rondon. Sobre estes sujeitos, em suas análises, se construiu uma imagem de rejeição, uma vez que não se enquadravam no tipo ideal que se preconizava (LAVERDI, 2005: 19-27).

O *outro* é visto enquanto um problema. No entanto, também pode ser visto como aquele com modos de vida diferenciados. E, é nessa oposição entre o *nós* e o *eles* que Dona Gladis continuou sua narrativa:

Eu sei que teve muita gente, muitas famílias aqui. E como eu já comentei, eles gastavam, que eles eram diferentes do alemão que é muito mão fechada, que não gasta com nada, ou pelo menos não gastavam. Eles não, o que eles ganhavam eles gastavam, compravam bicicleta cada um. Era um luxo ter a sua bicicleta toda bonitinha, como hoje o pessoal quer ter uma moto eles faziam assim. E gastavam, gastava-se também em festas gastavam no mercado (MOHR, 2007).

Na funcionalidade de uma lembrança reveladora observamos a diferenciação. Os modos de vida são mensurados pelo ato de gastar. Ganhar e não gastar – os alemães. Ganhar e gastar – eles, os outros, os *nortistas*. São sinônimos atribuídos na interpretação daquela realidade social vivida: o “*que eles ganhavam eles gastavam, compravam bicicleta cada um*”. Pertencer a um grupo ou a outro. Dona Gladis reelaborou através de seu relato uma linha de demarcação entre os sujeitos pertencentes a um ou a outro sistema social. Para os antropólogos Poutignat e Streiff-Fenart: “*as identidade étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade (...). Ela só pode ser concebida senão na fronteira do ‘Nós’, em contato ou confrontação, ou por contraste com ‘Eles’*” (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1998: 152). Reconhecer *eles* pela diferenciação foi o que Dona Gladis interpretou daquele passado e daquelas relações sociais por ela vividas.

Na composição de sentidos aos *outros*, Dona Gladis interpretou uma *fronteira* existente entre os trabalhadores que migraram para as atividades hortelaneiras e os proprietários ou mesmo aqueles que já tinham um sentido fixo na cidade:

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

Eles viviam lá no lugar deles onde trabalhavam. Vinham à cidade em alguma festa e nas compras e tal, mas não tinham assim muito contato, tanto contato assim entre eles e com os que já moravam aqui. Tanto é que eles parece chegaram e foram e ninguém, ninguém sabe de onde veio e para onde foi. E ninguém parece sentiu saudade! Ninguém perguntou nada (MOHR, 2007).

Intervindo nas lembranças do período produtivo da hortelã observamos a omissão das memórias sobre os trabalhadores hortelaneiro, uma vez que, *eles “viviam lá no lugar deles onde trabalhavam”*. Uma linha divisória determina a separação na alteridade do “nós” em relação aos “outros”. Viviam afastados. Eram separados dos demais trabalhadores daquele lugar. A lembrança, neste sentido, determinou os trabalhadores como *“indivíduos fronteiriços’ que devem adaptar-se a um novo contexto, novas normas, sobre as quais pesam variadas limitações que repercutem na vida cotidiana”* (GOETTERT, 2008: 52). O convívio na cidade entre os diferentes grupos, pelo relato, não foi nada fácil. Certo preconceito pareceu predominar ao mensurar a presença de outros trabalhadores. De acordo com Giralda Seyferth: *“os imigrantes também têm ideologias de superioridade étnica que visualizam o brasileiro de forma estereotipada; entre os colonos, o brasileiro é o caboclo, considerado preguiçoso, indolente”* (SEYFERTH, 1990: 81).

O trabalho parece ser o meio pelo qual os grupos poderiam igualar-se. Para isso, os trabalhadores que não se identificavam pelo *ethos* do trabalho precisariam acostumar-se na vida cotidiana com relações de trabalho e modos de vida diferenciados. Os *outros* deveriam enquadrar-se num modelo típico, correto. Ao que tudo indica isso não ocorreu, *“tanto é que eles parece chegaram e foram”*. Não se acostumaram aos modos do lugar. Chegaram e foram embora. A narrativa ainda naturalizou a presença dos trabalhadores com certo romantismo: *“eles parece chegaram e foram e ninguém, ninguém sabe de onde veio e para onde foi. E ninguém parece sentiu saudade!”* Ao mesmo tempo em que a narradora fez a mensuração sobre a chegada e a ausência daqueles trabalhadores, questionou o porquê de ninguém saber de onde aqueles vieram e para onde foram *“ninguém perguntou nada”*.

Os trabalhadores encontram-se ausentes, mas a memória está presente. Uma memória que costura fragmentos de lembranças, interpreta e questiona o passado que de modo algum não está dado, mas em constante reelaboração pelas lembranças. Na análise dos relatos observamos que o senhor Theobaldo Augusto Mohr também produziu uma narrativa permeada por traços relacionais de diferenciação daqueles trabalhadores. Conforme observou:

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

O que eles ganhavam durante a semana, no fim de semana eles tinham que ir no comércio e já gastavam quase tudo. E tinham que comprar roupas, calçados e comida, alguma coisa que faltava. Embora que na colônia onde eles moravam nas terras do dono das lavouras, eles tinham muitas coisas: tinha mandioca, batata, tudo que era coisa de comer existia (AUGUSTO MOHR, 2007).

Importante ressaltar que o senhor Theobaldo viveu este período na cidade e sua narrativa, permeada de estranhamento, refletiu o ambiente daquela coletividade de relações de trabalho. Para ele, era estranho ver no movimento da pequena cidade ou a Vila de Mercedes os trabalhadores hortelaneiros gastando o que tinham conseguido ganhar com a venda da força de trabalho durante a semana. O comércio foi destacado como o lugar de gastar, por isso foram apresentados como gastadores, embora necessitassem comprar produtos no comércio local. Ao buscar compreender os imigrantes-migrantes que ocuparam principalmente a região Sul do Brasil, Giralda Seyferth observou que:

As identidades étnicas da maioria dos grupos descendentes de imigrantes são definidas, atualmente, por critérios mais elaborados no passado, como o *ethos* do trabalho, a origem comum, e por traços culturais supostamente tradicionais dos respectivos países de origem (SEYFERTH, 1990: 89-90).

Um dos principais elementos constituintes de uma memória de diferenciação apontadas nas narrativas, bem como também destacado por Giralda em seu estudo sobre os imigrantes, alemães e italianos, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e, também, japoneses em São Paulo, é a identificação com o trabalho. A constituição de uma sociedade voltada somente ao trabalho é o mote identificador para muitos colonos do Sul que conseguiram atingir o *status* de pequeno ou médio proprietário rural. O senhor Theobaldo, ao fazer referência aos trabalhadores hortelaneiros narrou que eles eram diferentes: *“eles eram um pessoal que quando estavam de folga gostavam de sentar no bar e fazer gritaria e tomar cachaça. Ali, assim, desse tipo eles não participavam da sociedade. Eles eram separados, vamos dizer eram isolados”* (AUGUSTO MOHR, 2007).

Uma imagem do passado é reconstruída a partir de uma perspectiva pessoal e relacional com aquele ambiente vivido pelo senhor Theobaldo. Sua narrativa se situou numa interação particularizada, mas pode ser vista também como um discurso social e cultural na modelação do passado quando os trabalhadores *“gostavam de sentar no bar e fazer gritaria e tomar cachaça”*. Um estigma pareceu se estabelecer em relação a estes trabalhadores

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

que são apresentados como diferentes. O relato colocou-os isolados, embora nas propriedades eram à força de trabalho destes que faria desenvolver as lavouras.

Um ambiente de conflito pareceu se produzir quando da presença dos trabalhadores hortelaneiros em locais públicos. Marcelo Zanatta também observou a reconstrução de uma imagem depreciativa daqueles trabalhadores em seu estudo sobre Entre Rios do Oeste. Segundo ele:

A presença dos ‘nortistas’ chegou a gerar, inclusive, alguns conflitos. Com costumes diferentes, dos ‘sulistas’, descendentes de alemães e italianos, não se entenderam com eles, principalmente quando se tratava de eventos sociais, bailes, festas (ZANATTA, 2000: 23).

Costumes diferentes que geraram conflitos. São elementos que estão postos na interpretação das relações sociais vividas pela diferença. Assim, segundo Zanatta, se construiu uma imagem negativa dos “nortistas”, pois os mesmos são referidos enquanto “*tomadores de pinga, dando a impressão de que o hábito de tomar pinga é depreciativo, e que eles vinham para a cidade apenas em função desse hábito*” (ZANATTA, 2000: 23).

Tomadores de “pinga”, ou não, o que pode ser presumido a partir do consumo de aguardente pelos trabalhadores, que esta poderia ser uma forma para aguentarem a dura jornada de trabalho ou mesmo como remédio para os males do corpo (HOLANDA, 1976). A “pinga” que os trabalhadores “nortistas” tomavam, e que a partir do consumo os tornaram diferentes aos costumes dos “sulistas”, foi considerado como remédio no estudo de Sérgio Buarque de Holanda. Um remédio que diferenciou os costumes no Oeste do Paraná. Que colocou determinados trabalhadores fora dos padrões pré-estabelecidos. Estar de folga, sentar no bar, fazer gritaria e tomar cachaça, são elementos articuladores de atitudes incomuns para os de ascendência alemã. Por isso eles *não participavam da sociedade, eram separados, isolados*, como lembrou o senhor Theobaldo. Também o fato dos trabalhadores gastarem fez transparecer esta imagem da diferença, nas palavras de Dona Gladis: “*os alemães são mais de guardar sempre o dinheiro para poder comprar mais terras, comprar outras coisas*” (MOHR, 2007). Neste ambiente relacional os sujeitos constroem sua identidade no espaço-tempo com o outro. A constituição da identidade assim é uma via de mão dupla, ela não se dá no vazio, mas a partir da vivência com aquele considerado como diferente.

Nesta dinâmica de construção identitária enquanto um processo renovável Lucilia Delgado considerou:

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História, conquanto processo, é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob forma de conflitos. A memória, por sua vez, como um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio para autorreconhecimento (DELGADO, 2010: 51).

Instituindo um caminho de representação do presente para o passado os substratos de identidades apresentam-se variáveis. Considerando essa evocação, um questionamento ficou posto da fala de Dona Gladis: guardar o dinheiro ou gastá-lo? Cabe considerar que são interpretações construídas no presente na identificação e pertencimento dos sujeitos. A partir destes elementos de identificação que os sujeitos, conforme Yara Khoury: “*constroem territórios e referências culturais ou deles se apropriam*” (KHOURY, 2006: 42). Ao interpretar os relatos prenhes pelas marcas do tempo, o senhor Gilson José Philippsen, falou dos estranhamentos por ele vividos em sua infância, quando residia com seus pais na localidade de Alto Santa Fé, município de Nova Santa Rosa, Paraná. Sobre algumas relações que marcaram aquela vivência ele também narrou:

Eles [os trabalhadores da hortelã] eram bastante parceiros. Então eles faziam todas as festas deles. Aquilo era tudo, acontecia ali mesmo, no [próprio grupo], praticamente o dinheiro que eles ganhavam com a menta eles acabavam gastando ali mesmo. Finais de semana, em sábados, domingos era festa. É... Eles tinham as crenças deles, tinham os bailinhos deles à noite, ali em feriados. São João, esses feriados eles obedeciam rigorosamente. Final de ano era foguetório direto, então era uma semana só de festa, de foguete. Então praticamente o que eles ganhavam eles acabavam gastando ali mesmo. Não se preocupavam com luxo (PHILIPPSEN, 2008).

O relato do senhor Gilson José que também dialogou com elementos de diferenciação entre o “eles” em relação a um “nós”, tocou noutros aspectos da cultura dos trabalhadores *nortistas*. Eles não são caracterizados somente como gastadores, como observado em narrativas anteriores. Os trabalhadores da hortelã “*eram bastante parceiros*” e seguiam com rigor alguns costumes, como a crença aos santos, isso lhe causara também um estranhamento. Através do ato de narrar o entrevistado apontou outros aspectos vividos no cotidiano, tal qual os “bailinhos” e festividades juninas marcadas com muitos fogos.

Na apreensão das relações vividas por estes trabalhadores e na valorização dos mesmos enquanto sujeitos históricos, falar de sua cultura requer pensar em todas as dimensões da vida social. Tal importância os relatos nos proporcionaram perceber. Nos

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

significados constituídos nas dimensões da vida social, entendido enquanto cultura, Yara Khoury adverte que são os modos de: “*projetar, trabalhar, morar, se relacionar, se comunicar, festejar, comemorar*” (KHOURY, 2006: 24). Apreender como os sujeitos significam, resignificam ou interpretam as dimensões da vida social é compreender a cultura que se forja num campo de disputa entre distintos grupos.

Ao desfiar o emaranhado de suas lembranças, o senhor Gilson José, que atualmente trabalha como representante de vendas de insumos agrícolas, e é residente na cidade de Marechal Cândido Rondon, também relatou a convivência que tivera com estes trabalhadores. O tempo de sua infância é destacado, pois quando criança estes eram colegas de escola:

A minha convivência junto com esse pessoal que era de origem, em grande parte de origem *afro-descendente*, a grande maioria. E vindas da região de um outro sistema de vida, eu acho foi um aprendizado. A gente aprendeu a conviver com esse povo do jeito deles, da forma deles. E o que existia era bastante confiança, tanto de um lado como do outro, porque naquela época, até hoje continua, mas naquela época o descendente afro era visto de outra forma, e a gente tinha uma convivência de uma forma muito natural com eles, com aquele núcleo era totalmente diferente das outras pessoas ali da vila de Alto Santa Fé. Então a gente convivia bem com eles (PHILIPPSEN, 2008).

Nas memórias que procuraram diferenciar os sujeitos e colocar cada um em seu devido lugar, o senhor Gilson José utilizou um termo que ainda não tinha sido apontado por outros relatos. A expressão *afro-descendente* marcou outras temporalidades da narrativa. Ela pode estar referindo-se a um período da história colonial do Brasil onde escravos da África foram trazidos para desenvolver o trabalho pesado nas terras brasileiras. Da mesma forma como na região, a mão-de-obra destes trabalhadores foi utilizada para as atividades mais pesadas como a exploração das matas a partir da derrubada e a plantação das lavouras de hortelã. Ainda na citação acima é possível interpretar o passado que o senhor Gilson narrou a partir da temporalidade histórica de sua existência. A expressão *origem afro-descendente* pode ter sido usada, em nossas interpretações, para não usar a expressão “origem negra”. Na assertiva daquele momento, para o ascendente de “sulinos”, assim observou as relações do passado: *então a gente convivia bem com eles*.

Verifica-se também uma mudança de tom na narrativa. A *confiança* pareceu reger as dinâmicas entre os grupos para que houvesse uma “melhor convivência”: *e o que existia era bastante confiança, tanto de um lado como do outro*. A diferença acabou se dissolvendo na confiança. As lembranças daqueles trabalhadores acabaram minimizadas como naturais,

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

como narrou: “*a gente tinha uma convivência de uma forma muito natural com eles*”. Na dinamicidade daquelas eventuais convivências, que no relato o senhor Gilson José deixou claro foi harmoniosa, com a confiança e a naturalidade, observamos que aqueles trabalhadores eram portadores de outro sistema cultural. Um sistema que para ele, nas suas lembranças no presente, foi vivida enquanto *um aprendizado*.

A diferença étnica entre determinados grupos constituiu-se na dinamicidade variante destas relações sociais. O uso dos termos, como o expresso no relato acima, “afro-descendente”, está susceptível a transformações e redefinições, mesmo quando, muitas vezes, nega-se a sua importância. Neste aspecto as “Teorias da Etnicidade” de Poutignat e Streiff-Fenart, observaram em contra posição a ideia de ver a etnicidade como um fato social invariante. Quanto a esta observação advertem:

Em outras palavras, a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduos ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1998: 125).

Considerando o relato do senhor Gilson ao referir-se àqueles trabalhadores com os quais convivera na infância sendo de origem afro-descendente podemos entender assim como uma construção social da realidade vivida. Distinguir uns dos outros a partir de características étnicas ou traços culturais é uma forma de pertencimento a um ou a outro grupo. A partir desses meandros do universo social trazidos à cena reflexiva viabilizados pelo veio metodológico da História Oral, que atesta nossa capacidade de reflexão, torna-se impossível falar de uma memória única constituída e cristalizada. Mas de outras memórias que demarcam outras temporalidades e trabalhadores presentes nesta região do Extremo-Oeste do Paraná.

Ao produzir interpretações das situações vividas a partir do presente, quando outras memórias são compartilhadas, percebemos diferentes sentidos de ser trabalhador neste chão histórico, sobretudo quando as lembranças historicizam tensões particulares não cristalizadas pela memória oficial. A marca da diferença, portanto, é fato. Instituída para além da cor, a diferença está impregnada na expressão da linguagem que os entrevistados utilizaram para demarcar o seu lugar social daquele ambiente de trabalho. A caracterização dos traços físicos pareceu ser fundamental na definição do “outro” e daquele que narrou. Uma forma de significar o universo social pela diferença. Enfim, procuramos destacar neste

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

texto um pouco do universo social que se desenhou num determinado período histórico na região do Extremo-Oeste do Paraná, refletindo sobre a participação de grupos diferentes nas dinâmicas de trabalho, as quais ocorreram a partir de estranhamentos identificados pelas memórias daqueles que narraram o espaço habitado.

Fontes Orais

Gilson José Philippsen. Relato concedido ao autor, em 17 de maio de 2008. Marechal Cândido Rondon – PR.

Gladis Elfi Mohr. Relato concedido ao autor, em 25 de julho de 2007. Mercedes – PR.

Theobaldo Augusto Mohr. Relato concedido ao autor, em 02 de agosto de 2007. Mercedes - PR.

Referências Bibliográficas

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidade*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Mato Grosso do Sul: Editora da UFGD, 2008.

GONZALEZ, Emílio. As camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950-1990). *Tempos Históricos*. Cascavel: Edunioeste, v. 05/06, p. 185 – 219, 2004.

GREGORY, Valdir; VANDERLINDE, Tarcisio; MYSKIW, Antonio Marcos. *Mercedes: uma história de encontros*. Marechal Cândido Rondon, Germânica, 2004.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 2ª Ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

KHOURY, Yara Aun. “O historiador, as fontes orais e a escrita da história”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’ Água, 2006.

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, nº10, p. 07 – 28, 1993.

“E NINGUÉM PARECE SENTIU SAUDADE”: narrativas e memórias da diferença, trabalhadores hortelaneiro no Extremo-Oeste do Paraná – por Gilson Backes

POUTIGNAT, Fhlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

VIEIRA, Maria do Pilar, et ali. *A Pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste-paranaense*. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

ZANATTA, Marcelo Rogério. *O cultivo da hortelã em Entre Rios do Oeste na década de 1970*. Marechal Cândido Rondon, 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Recebido em: 01/04/2010
Aprovado em: 31/05/2010